

potencial democrático que existe en iniciativas surgidas a partir de la sociedad civil hacia la esfera política, a través de mecanismos de participación y espacios públicos deliberativos.

La visión que surge de la experiencia de la tercera ola de democratización en América Latina sugiere la actualidad de reivindicar la participación efectiva de los ciudadanos en el quehacer público y su elaboración en la teoría política. Con ello, debemos reconocer que estamos aún lejos de comprender cuán factible es lograr la profundización de la democracia efectiva en distintos ámbitos. Avritzer afirma que parece mucho más difícil tornar efectiva la institucionalización de mecanismos participativos en el ámbito de los derechos humanos que en el ámbito de los servicios públicos. Las democracias no han encontrado aún la forma de combinar seguridad personal y pública con el respeto a los derechos humanos. Asimismo, las prácticas deliberativas tienen mayores chances de éxito allí donde se estructuran *en contra de* prácticas nocivas que allí donde vienen a sugerir cambios *en pro de* prácticas y políticas innovadoras.

Este libro tiene gran peso teórico y, al mismo tiempo, relevancia empírica. Teóricamente, lleva a redefinir la forma en que pensamos y analizamos la democracia contemporánea, compartiendo lo que John Dunn ha denominado la ‘travesía inconclusa de la democracia’. En el nivel empírico, el libro permite comprender por qué vías se puede reforzar la democracia efectiva y evitar el fortalecimiento de procesos paralelos, como la re-clientelización de las redes sociales o la marginalización de los movimientos ecológicos y de derechos humanos, tras el retorno de la democracia en América Latina y en otras sociedades que atraviesan procesos similares de transformación.

Luis Roniger

Universidad Hebrea de Jerusalén

BEATRIZ KUSHNIR (org.): *Perfis Cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*. R.J.: Imago, 2002.

Nessa coletânea de dez narrativas, se reconstroem diversas experiências da oposição ao regime autoritário inaugurado em 1964 no Brasil. Cada uma das narrativas trata de algum aspecto dos opositores à última ditadura militar brasileira. Elas resgatam diversos atores da resistência, não são apenas memórias “da esquerda” da luta armada no Brasil, tema que conta com vários trabalhos significativos e completos. Trata-se de um conjunto de textos, unidos pelo único objetivo de lembrar um momento trágico da História nacional. Entre eles não há nada capaz de traçar uma mesma linha de narração. Cada um segue padrões

e objetivos próprios. Uns, epistolares e contundentes. Outros, acadêmicos e herméticos. Todos singulares e imprescindíveis para a compreensão do passado recente.

O livro vem em auxílio dos que querem compreender a violência estatal no Brasil, mostrando como a resistência ao regime pós-64, embora romântica e às vezes inconseqüente, contribuiu para recuperar a democracia eleitoral hoje consolidada. Os trabalhos que compõe essa coletânea destacam a importância da oposição, sem a qual não existe caminho para as soluções viáveis. Repete, neste sentido, o que disse certa vez Namier: “os historiadores imaginam o passado e se lembram do futuro”, pois os relatos são um pouco isso: qual o significado das torturas entre “liberdade e busca” daqueles jovens que pegaram em armas contra a injustiça representada pela ditadura daqueles anos sem fim —para lembrar o livro de Zuenir Ventura: *1968, o ano que não terminou?*

Os dois primeiros textos tratam de *velhos*, experientes militantes. O primeiro, sobre Câmara Ferreira, retrata —às vezes carregando as tintas da mitificação— sua inserção como líder heróico da resistência às ditaduras, acompanhando episódios de sua vida desde os anos 30. Neste caso, o título não podia ser mais adequado (“Meu amigo Câmara”), pois é da queda heróica do “amigo-mito” que fala o autor. Já o segundo, depois de uma curta introdução, reproduz uma entrevista com Antonio Callado. Concedida pouco tempo antes de sua morte, mostra a lucidez deste simpatizante quase-militante da esquerda nacional. Digo isto porque em certa altura, falando sobre a América Latina, ele afirma: “...eu tenho a impressão que esses países não têm o menor futuro (...) Sobretudo o Brasil, porque o Brasil ainda por cima gosta [da dominação e das migalhas jogadas pelos ricos para os pobres]. Os argentinos tem mais, digamos assim, insolência do que nós...” (p. 42), palavras que evidenciam sua desilusão com a esquerda. A entrevista, diferente da memória, não é algo que se pensa de alguém, mas uma importante fonte direta, do próprio protagonista, para descortinar uma época.

Os textos subseqüentes, assinados por Ivan Seixas e Denise Rollemberg, traçam perfis de Joaquim Alencar de Seixas e Carlos Eugênio Sarmiento Coêlho da Paz (Clemente), de forma quase romanceada. No primeiro caso, narra-se um episódio que ao ler sentimo-nos dentro de um filme policial. Já o segundo, parece um conto açucarado da dura vida do militante que sobrevive.

Com exceção do capítulo 6, comentado mais a frente, os demais são escritos em estilo acadêmico, com citações e referências bibliográficas, mostrando como era a oposição, não apenas de esquerda —o último texto é dedicado a Aduino Lúcio Cardoso, político udenista-arenista— naqueles “anos de chumbo”. O texto de Kushnir, justamente a organizadora do livro, debruça-se sobre a história de alguns dos judeus mortos sob a ditadura militar, mostrando, como ela afirma, a

opção desses judeus pela nacionalidade brasileira, construindo-se uma nova identidade. Assim, talvez para compreender uma época a partir da condição de judeus, a autora constrói um mosaico pouco articulado no qual sobressai, como símbolo daqueles anos 60-70, a velocidade de mudanças e perdas, a sensação do inacabado, a sobrevivência como único objetivo.

Do nosso ponto de vista o melhor texto, bem escrito e representativo do próprio signo da época, é o capítulo 6, dedicado a dois marinheiros desertores cujas vidas e valores não os une, mas os separa. Entretanto, a luta armada, a necessidade da revolução, a coragem de opor-se à ditadura, torna-os cúmplices e mártires de uma história inacabada. Escrito na forma de episódios, o autor narra as ações e quedas daqueles dois marinheiros-revolucionários e, ao fazê-lo, também traça o perfil psicológico dos seus companheiros de luta, todos prisioneiros no mesmo cárcere.

O outro lado dos textos, ainda não avaliado, aquele do dito, tem muito menos de comum. São dez relatos que, aparentemente, tratam do mesmo problema: a tortura, morte e sobrevivência daqueles que pegaram em armas em nome de um sonho justo —o socialismo—, e anti-autoritário. Todavia, não é disso que se trata. Nem na forma, nem no conteúdo, nem na análise/objeto há uma única linearidade narrativa.

Algumas trajetórias são traçadas a partir de pequenos fragmentos, formando um mosaico nem sempre articulado, mas é precisamente isso que constitui o mérito e o defeito deste livro. Lido de uma vez, deixa a impressão de que não existe conjunto, que se trata de um emaranhado de histórias que mesclam ficção com realidade. Ao contrário, se tomarmos cada capítulo como unidade, percebe-se que a coerência está justamente no fragmento, cada um compondo um pequeno prisma do desenho de uma época.

Fora a descontinuidade, a marca indelével dessa mal costurada coletânea, o que fica, repetindo o temor da organizadora, é a sensação de que estamos diante das histórias de crianças peraltas que não quiseram aprender a lição. Lição que, por um lado, cobra dos sobreviventes o ter sobrevivido —mesmo sendo a *sobrevivência* o grande objetivo de quem luta—, a falta de solidariedade por não ter morrido, por ter conseguido sair com vida da trama de sangue e dor que ceifou uma legião de jovens idealistas. Neste caso, o ajuste de contas com o passado é trágico: significa conviver com o espectro da falida Revolução, dos amantes-amigos caídos e mutilados.

Correndo o risco de não compreender a obra, advertido pela organizadora, o leitor pode pensar que a trajetória desses revolucionários foi marcada pela necessidade juvenil de afirmação. Como diz a epígrafe (hai-kai) inicial, de João Suzuki: “Uma multidão de crianças/ que só queriam brincar portando espadas de papel/ perdeu-se no tempo!”. A despeito das lágrimas e do sangue derramado;

das inconvenientes sobrevivências e as irreversíveis quedas; das dores e tristezas maternas, fica a imagem das crianças errantes em busca de um futuro que jamais existiria, inconscientes da alteração de rota que se abateria sobre o Continente naquele período, prenhe de mudanças e parturiente de frustrações.

Nessa mistura de textos, alguns na forma de conto romanceado, outros de narrativa à *bang-bang*, até os estritamente acadêmicos, o comum é a certeza da importância histórica da memória. Da necessidade de recuperar as marcas de um passado ainda recente e que teima em queimar, no altar dos sacrifícios da democracia, periódicas gerações de jovens para alimentar o interminável capítulo da história dos silenciados.

Suzeley K. Mathias

Universidade Estadual Paulista, Campus de Franca

CHRISTOPHER DUNN: *Brutality Garden. Tropicália and the Emergence of a Brazilian Counterculture*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2001.

In the late 1960s, Brazilian artists were in a curious position: the military had seized power in 1964, overthrowing a left-leaning populist government that proved powerless to rally resistance to the coup. In the realm of culture, however, specifically in those film, theater and musical circles which straddled the erudite and the popular, and where educated, urban middle-class influence was decisive, the left, or the various lefts, seemed to hold almost absolute precedence. Although they ranged in their political conviction from Maoist to liberal democratic, these lefts largely agreed on an interpretation of popular culture deeply structured by the overthrown populists: they believed that national popular culture arose spontaneously from *o povo*, the people, and that, if properly nourished, harnessed and directed by educated leaders, it could prove a driving force in bringing that *povo* to power. Artists who catered to this understanding were the darlings of these fragile and increasingly marginalized lefts. Artists who rejected this understanding, along with the more conservative nationalist cultural overtures of the military regime, found themselves criticized from all sides.

But criticism was publicity, and publicity was the first step to attracting a popular audience and to achieving broader cultural relevance. A small core of artists working in film, theater, the visual arts and, predominantly, popular music, invited that criticism and pursued both the audience and the relevance. Along the way, they articulated a forceful criticism of Brazil's cultural and political